



UBEE-UNBEC – Província Marista Brasil Centro-Norte
EAD Escola em Pastoral
I Módulo – Texto de Trabalho (1)

Prezado/a Estudante,

Com alegria, iniciamos a primeira semana de estudos do Curso EaD Escola em Pastoral, cujo tema é: ***Evangelização das Infâncias***. No decorrer dos próximos dias, refletiremos sobre as concepções de infâncias ao longo da história a partir do documento provincial *Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil* (2010). Além das Diretrizes, indicamos como estudo complementar: vídeos: a invenção da infância, parte I, II e III; e demais textos.

O estudo desta semana é de suma importância, sobretudo, para aqueles que trabalham diretamente com infâncias na ambiência educativa. Nesse sentido, trata-se de uma provocação inicial para que possamos, além do que segue, conhecer outras fontes de pesquisa, visto que o universo infantil tem sido amplamente pesquisado por diversas áreas de conhecimento.

Empenhados na missão de educar e evangelizar as crianças na ambiência educativa, que essa primeira semana possa ser um momento de ricas trocas de experiências e construção de saberes.

Bons estudos!

Gilson P. Júnior

Parceria:



Realização:



Os Sujeitos da Educação Marista¹

1. Infâncias - Um passeio pela infância

Que criança é esta? Como ela vive a infância?

Para compreender as mais recentes configurações impostas à infância temos necessariamente que voltar ao passado, buscando nos aspectos históricos algumas respostas para o presente.



Figura 1: Jogos infantis. Peter Bruegel. Holanda, século XVI. - Fonte: MICKLETHWAIT, 1997.

¹ Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil p. 15-22.

A pintura acima, como documento histórico, nos permite fazer várias perguntas sobre a infância.

1. Falando sobre a Infância de ontem...

Para iniciar nossa trajetória ao passado, é importante ressaltar que as referências históricas sobre a família - e por consequência a infância-, registradas em pinturas, antigos diários de família, testamentos, documentos eclesiais e túmulos, constituem-se numa valiosa fonte de pesquisa para os estudos da sociedade, e que auxiliam e desvelam os acontecimentos ocorridos em épocas já decorridas.

A primeira questão, em relação à compreensão da infância, que se destaca diz respeito ao "não lugar" que, durante anos, a criança ocupou. Na Idade Média, conforme aponta philippe Ariès (1978) não havia uma separação clara entre o que seria adequado para crianças e o que seria específico da vivência dos adultos.

A palavra infância, oriunda do latim *infantia*, significa "incapacidade de falar". Considerava-se que a criança, antes dos sete anos de idade, não teria condições de falar, de expressar seus pensamentos e seus sentimentos. Desde a sua gênese, a palavra infância carrega consigo o estigma da incapacidade, da incompletude perante os mais experientes, relegando-lhes uma condição subalterna diante da sociedade. Era um ser anônimo, sem um espaço determinado socialmente.

A pesquisa de Ariès mostra que as crianças recebiam tratamento diferenciado apenas nos primeiros anos de vida, enquanto ainda dependiam diretamente dos cuidados das mães ou das amas. Os pequenos aprendiam os ofícios observando, auxiliando, ou servindo, como aprendizes, em casas de outras famílias. Essa falta de atenção em relação à infância pode se explicar pela baixa expectativa de vida que as crianças tinham na Idade Média, fazendo com que os mais velhos não se permitissem grandes apegos.

Ariès diz ainda que as crianças eram tratadas como adultos em tamanho menor e não havia acomodação ou vestimenta especial para elas. A infância é um conceito que começará a se desenvolver, segundo Zygmunt Bauman (1998) a partir dos séculos XVI e XVIII, através da Revolução Educacional. As crianças passam a estar, então, separadas dos adultos. Ao invés dos ensinamentos de hábitos e profissões pelo convívio, as crianças são enviadas para as escolas.

A concepção de infância moderna, que se estende até os nossos dias, seria a seguinte: uma fase da vida em que os indivíduos precisariam de cuidados especiais e deveriam estar resguardados de algumas informações que pudessem lhes ser nocivas, para que se desenvolvessem e se constituíssem, no futuro, como adultos plenos.

2. Falando sobre a Infância de Hoje...

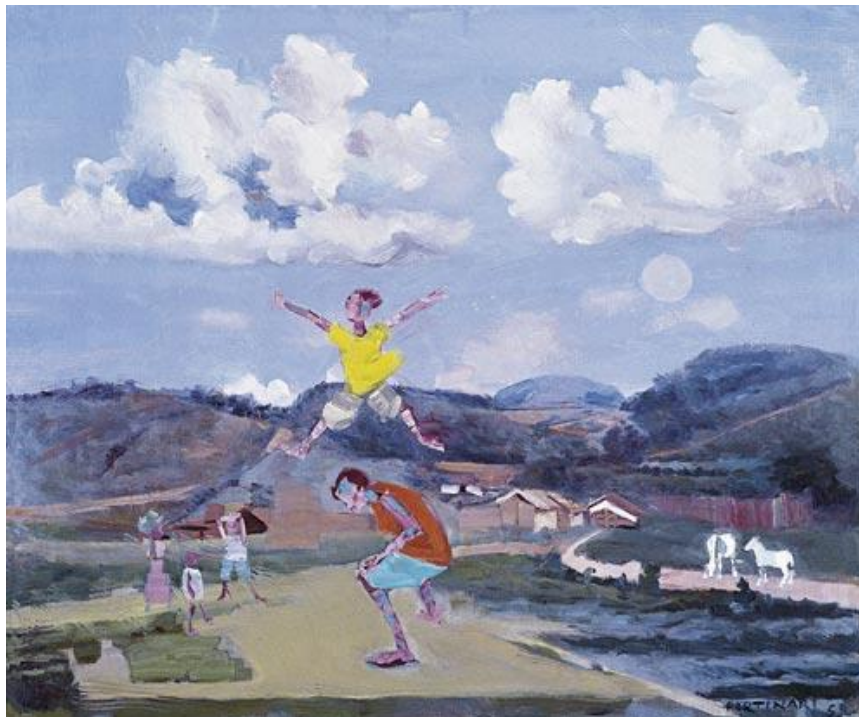


Figura 2: Pulando Carniça. Portinari, 1957 Séc. XX - Fonte portinari.org

Parceria:

Realização:



A pintura acima, como documento histórico, nos permite fazer várias perguntas sobre a infância de hoje. É interessante observar como os personagens parecem crianças felizes e livres. Ao adentrarmos na trilha da contemporaneidade nos deparamos com uma série de mudanças em curso, formando novas concepções e olhares sobre um mesmo fato ou acontecimento.

Neste espaço mutante e efêmero, a noção de infância adquiriu uma nova roupagem, incorporando uma reestruturação que lhe confere um outro *status*. A criança desses novos tempos possui outras características e necessidades não encontradas outrora.

Assim, o século XX representou um marco na inserção da criança na sociedade. Amparada pelo avanço das pesquisas nas áreas da neurociência, psicologia, educação e antropologia, a infância passou a ser reconhecida como um período fundamental no desenvolvimento do ser humano, com características próprias e práticas específicas.

Mais do que reconhecimento, os novos conhecimentos sobre a infância trouxeram valorização e proteção para a criança, que passou a ter direitos garantidos por lei, assumindo uma posição prioritária nas políticas públicas, já que a melhoria na qualidade de vida das crianças são essenciais para empreender transformações sociais.²

Dentre as diversas conquistas e possibilidades que se abriram para a infância ao longo deste século, destaca-se a ampliação e o desenvolvimento da educação. A expansão do ensino das crianças de zero a seis anos e a democratização da escola pública refletiu na qualidade do atendimento às crianças menores de sete anos, uma vez que as propostas educativas passaram a ser pensadas para o desenvolvimento desta faixa etária, sem o caráter assistencialista praticado até então.

² Dados retirados do programa de prioridades da Unicef. Consultar em www.unicef.org/brazil/pt

Parceria:



INSTITUTO SANTO TOMÁS DE AQUINO
CENTRO DE ESTUDOS FILOSÓFICOS E TEOLÓGICOS DOS RELIGIOSOS

Realização:



Estudos e contribuições trazidos por diversas áreas do conhecimento, mostraram que de zero a seis anos acontece um processo extremamente complexo na formação do indivíduo, com o desenvolvimento de estruturas fundamentais para a toda a vida, o que demanda uma educação que atenda e estimule a criança em todas as suas necessidades.

Além da natureza biológica do desenvolvimento, a abordagem de autores como Vygotsky³ trouxeram relevantes discussões sobre a importância do meio externo e das relações sociais para a formação do indivíduo, de maneira que a educação da criança de zero a seis anos não pode ser dissociada das condições legítimas de desenvolvimento que lhe são oferecidas (saúde, nutrição, higiene), tampouco da cultura e dos contextos sociais aos quais ela está inserida.

É esta estreita relação entre maturação física e experiências e estímulos vividos pela criança no seu meio, que determinam a sua formação. Desta forma, embora toda a criança da espécie humana possua determinadas predisposições durante a sua evolução, serão as interações sociais e a qualidade e quantidade de aprendizagens proporcionadas que determinarão as suas possibilidades de desenvolvimento biológico.

A partir do momento em que nasce a criança já está aprendendo. Durante os dois primeiros anos de vida ocorre uma série de aquisições definitivas para todo o seu desenvolvimento posterior, de maneira que, já no decorrer do terceiro ano de vida, a configuração do cérebro da criança é semelhante a do adulto.

Neste período a criança passa de alguns movimentos involuntários para o controle das suas ações, adquirindo aquisições fundamentais para a sua evolução, como ficar de pé e andar. Esta habilidade, para além do aspecto psicomotor, permite, à criança, o conhecimento do seu corpo com a formação dos esquemas corporais e uma ampliação das suas possibilidades de locomoção no tempo e no espaço.

³ Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934) nasceu na Rússia e desenvolveu a teoria da psicologia sóciohistórica ou sóciointeracionista.

Outra importante aquisição deste período diz respeito ao desenvolvimento da linguagem. Através da fala a criança é capaz de ampliar a sua participação no mundo, com uma maior interação com as pessoas que compõem o seu meio; expressar suas opiniões e desenvolver estratégias de negociação.

O domínio de tais habilidades abre para a criança, uma etapa significativa em termos de aprendizagem, já que ao ser capaz de se locomover de maneira autônoma e de se comunicar com pertinência ela “inicia um período em que a sua preocupação principal será absorver o mundo”. (Lima, 2001, p. 8)

Dentre todas as capacidades que a criança dispõe nesta fase para aprender, uma das mais importantes é a função simbólica. Enquanto brinca, a criança mantém seu cérebro estimulado e ativo, além de explorar uma série de experiências para propósitos distintos, auxiliando na sua compreensão de mundo. Ao representar situações vivenciadas no seu cotidiano, a criança desempenha papéis, experimenta sentimentos, resolve conflitos e organiza a sua realidade. Desta forma, o ato de brincar assume um caráter formador no desenvolvimento infantil e na constituição da personalidade.

Além do aspecto formador, a função simbólica na infância possui um papel relevante também do ponto de vista cultural, já que brincar é um fenômeno da cultura, fruto da atividade humana e social ao longo dos tempos. Assim, ao brincar, a criança está assimilando valores e sistemas de significado cultural do grupo a que ela pertence, mas, ao mesmo tempo, está atribuindo um sentido particular às suas ações, de modo a produzir a sua própria cultura.

Nesse processo é importante refletir sobre a cultura lúdica infantil nos dias de hoje, investigando de que maneira os avanços tecnológicos, a presença da mídia e até mesmo o contexto do mundo contemporâneo (consumismo, falta de espaço nos grandes centros urbanos, pressa e violência) influenciam as brincadeiras e o próprio desenvolvimento das crianças do século XXI.

A centralidade que a tecnologia e a mídia assumiram na vida das crianças na sociedade

atual torna-se um campo de pesquisa relevante, na medida em que, ao vivenciarem estes recursos de forma tão intensa, é possível falar até mesmo na emergência de uma geração com uma constituição totalmente diferente das gerações anteriores. Estudos⁴ apontam que a influência dos recursos tecnológicos no cotidiano das crianças propicia o desenvolvimento de novas capacidades e modos de pensar, tornando-as mais independentes e rápidas de raciocínio, se comparadas às crianças de épocas anteriores.

Assim, é necessário que a cultura infantil seja analisada não através de uma visão saudosista e idealizada do adulto, mas a fim de investigar as formas peculiares que as crianças se organizam, suas preferências, hábitos e brincadeiras em diferentes situações. Nesta perspectiva, é fundamental que se considere também os distintos universos infantis que se configuram provenientes das diferentes culturas e modos pelos quais as crianças se estabelecem nos contextos em que estão inseridas. A questão regional, tão forte em um país com uma dimensão territorial como o Brasil, deve ser examinada, de maneira que se compreenda que as crianças atribuem significações e sentidos diversos sobre as coisas e fenômenos à sua volta, de acordo com as representações sociais e com a região em que elas vivem.

Através da compreensão de como a infância se opera na atualidade, focalizando as suas especificidades, e da legitimação da cultura produzida nesta faixa etária, será possível fazer uso das novas tecnologias da informação e da comunicação como recursos para a própria autoprodução, de maneira que essa interlocução contribua para o desenvolvimento intelectual das crianças.

O desafio é o de entrelaçar diferentes tempos e espaços para uma melhor compreensão a infância. Cada época acolhe de maneira diversa aqueles que nascem a partir das possibilidades colocadas pela própria cultura, pelas teias de significado que são tecidas coletivamente, dialogando com as crianças e/ou silenciando suas vozes.

⁴ Cf. nos estudos de Green & Bigum, 1995.

A compreensão contemporânea de infância como produtora de culturas, portanto, instiga novos olhares para o campo da educação no sentido de passarmos a entender a legítima linguagem infantil.

3. Protagonismo Infantil

Etimologicamente, a palavra protagonismo é derivada de *protagonistés*, que em grego significa “o ator principal”. Incorporado ao campo educacional, o termo ganhou desdobramentos, sendo utilizado como forma de promover a participação das crianças⁵ no processo educativo e na abertura de espaços que favoreçam o exercício da sua cidadania.

Essa compreensão só se tornou possível com o desenvolvimento do conceito de infância e uma modificação na maneira de entender a criança e de agir em relação a ela. Com os avanços ocorridos a partir do século XX nos estudos das áreas da educação e da saúde, sobretudo no campo da neurociência, a criança passou a ser reconhecida como cidadã, modificando “profundamente as práticas com a infância, que passou a ser vista como um período de formação fundamental na vida do ser humano”. (Lima, 2001, p. 3)

Concomitantemente aos conhecimentos científicos de como as crianças aprendem e se desenvolvem, observamos a expansão da possibilidade de educação para as crianças de zero a seis anos, que, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), passou a ser definida como a primeira etapa de educação básica, representando uma conquista importante para a inclusão da criança na sociedade.⁶

Nesse cenário, há que se considerar ainda, que a organização familiar alterou significativamente nas últimas décadas, fruto da nova configuração das famílias, que

⁵ Os termos “criança” e “infância” têm sentidos específicos neste texto. Infância é entendida como um objeto discursivo construído em determinado momento histórico sobre os sujeitos nos primeiros anos de vida (cf. Corazza, 2002; Sarmento, 2005). Já crianças são os seres nesses primeiros estágios (cf. Sarmento, 2005).

⁶ Informações retiradas do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.

atualmente se constituem de distintas maneiras (pais separados, mães e pais solteiros, filhos criados por avós, entre outras) e de uma maior abertura na relação pais e filhos. O modelo patriarcal, no qual o poder do homem era soberano, cedeu espaço a uma organização mais democrática, com uma participação da mulher nas decisões familiares, resultado da sua inserção no mercado de trabalho e consequente independência financeira.

Todas essas modificações influenciaram o modelo educativo adotado pelas famílias na condução do desenvolvimento de seus filhos, que introduziram o diálogo, a mudança nos métodos repressivos, a flexibilização das regras e uma participação mais ativa dos filhos na dinâmica familiar, inclusive interferindo nas deliberações domésticas.

O fato de a criança passar a ocupar um lugar diferenciado nas famílias e a sua inserção social, fez com que vários produtos e programas passassem a ser endereçados ao público infantil que se tornou interesse de projetos e campanhas publicitárias dos mais diferentes segmentos que circulam em nossa sociedade. Este fenômeno colocou as crianças na centralidade das discussões da atualidade, como um grupo formador de opinião.

Dentro dessa perspectiva, é função da escola orientar a criança para atuar na teia social, de maneira que a sua participação possa favorecer a construção de uma realidade mais justa e solidária, assumindo, assim, um caráter não só de espaço de produção de saber, mas de formação humana.

Diante dessa questão, Zabala (2002) defende que:

Não se pode pensar na escola como uma simples transmissão de conhecimentos. Para fazer frente à complexidade crescente de fenômenos mundiais e para poder dominar o sentimento de incerteza que isso suscita, é preciso promover um processo que consista tanto na aquisição do conhecimento quanto em sua relativização e análise crítica. (p.53)

Parceria:

Realização:

Ao articular as formações intelectual e humana, preparando a criança para o exercício da cidadania, a escola se vê provocada, tendo que se adequar a esta nova demanda. Ela deve promover um ambiente de aprendizagem no qual a criança possa atuar na construção do conhecimento, de modo que as práticas pedagógicas desenvolvidas cooperem para que ela se afirme como ser participativo no contexto social, capaz “de responder aos problemas que lhes colocará uma vida comprometida com a melhoria da sociedade” e dela mesma. (Zabala, 2002, p. 53)

Vigotsky concede um papel de enorme importância para a interação social no desenvolvimento humano. Para o autor, é na relação que os indivíduos estabelecem com os diversos grupos e ambientes, que se realizam as aprendizagens. No entanto, apesar de destacar a relevância das experiências pessoais e significativas para o desenvolvimento, o autor considera que é na escola que se constroem os conceitos científicos, que são conhecimentos sistematizados adquiridos nas interações escolares, mas ressalta que “se o meio não desafiar, exigir e estimular, esse processo poderá se atrasar ou mesmo não se completar, ou seja, poderá não chegar a conquistar estágios mais elevados de raciocínio.” (Rego, 1995, p. 79)

Diante disso, é importante que as crianças sejam convocadas a participar e a protagonizar ações construtivas na escola, envolvendo-se na solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso no contexto escolar. O envolvimento efetivo das crianças nos processos escolares, segundo a sua capacidade, ajuda a desenvolver nelas a responsabilidade e a concepção de respeito e compromisso, disseminando suas ideias com participação autêntica, nas suas relações sociais.

Valdez (2002) destaca que "a pedagogia de modo potencial é uma pedagogia inquieta, aberta à surpresa, seduzida pelo conhecimento, curiosa e ávida por novidade", na qual os estudantes são instigados a questionar, refletir e duvidar. Assim, na perspectiva do protagonismo infantil, é imprescindível que o currículo e as práticas a ele associadas sejam

ressignificados, de maneira que os conhecimentos contemplados e as ações desenvolvidas em sala de aula sejam formadores do ser humano, tanto do ponto de vista pessoal como social.

Isso sugere a necessidade do currículo da Educação Infantil privilegiar as linguagens da criança, com o desenvolvimento da imaginação, da função simbólica e da investigação, integrada à arte e à música. Com base nesta noção, Lima (2001, p. 9) afirma que:

[...] atividades como brincar, fazer experiência movida pela curiosidade, ouvir música, participar de práticas culturais várias têm um profundo sentido educativo, pois elas levam ao desenvolvimento das ‘redes neuronais’ de grande resiliência que poderão ser acionadas em aprendizagens escolares posteriores.

Aliada a uma ressignificação do currículo é importante que haja a existência de um espaço de expressão infantil na sala de aula, no qual a linguagem seja exercitada através da participação das crianças na proposição, negociação, execução e gestão de propostas relacionadas ao seu contexto. Zabalza (1998) analisa que é preciso “tornar possível e estimular todas as crianças a falarem; criar oportunidades para falas cada vez mais ricas através de uma interação educador (a) - criança que a faça colocar em jogo todo o seu repertório e superar constantemente suas estruturas prévias”. (p. 51)

É somente através de propostas educativas que possibilitem o desenvolvimento específico desse período de formação, alicerçadas por práticas que exercitem a reflexão, a análise e a capacidade de solução para as dificuldades encontradas no cotidiano, que a criança adquira autonomia e pode atuar positivamente em seu próprio aprendizado, construindo valores e atitudes em benefício da coletividade.

Parceria:

Realização:



Bibliografia

PMBCN. **Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil**. Vários autores. Brasília, 2010. p. 15-22.

Obras citadas nas Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil

BAUMAN Z. **O mal estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LIMA, Elvira Souza. **Como a criança pequena se desenvolve**. São Paulo. InterAlia, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Brasília.

ZABALA, Antoni. **Enfoque Globalizador e Pensamento Complexo**: Uma proposta para o currículo escolar. Porto Alegre: Artmed, 2002.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

VALDEZ, Daniel. As relações interpessoais e a Teoria da Mente no contexto educativo. **Revista Pátio**, Ano VI, n. 23, set/out, 2002.

LIMA, Elvira Souza. **Como a criança pequena se desenvolve**. São Paulo: InterAlia, 2001.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Parceria:



Realização:





Visite o site abaixo e conheça um pouco mais sobre a história da Educação Infantil no Brasil.

<http://www.omepms.org.br/web/site/index.php?chn=4&txt=1236714734>

Parceria:



Realização:

